

CRISE RELIGIOSA E/OU ESPIRITUALIDADE LEIGA? APONTAMENTOS SOBRE A TESE DE MARIÁ CORBÍ

Antonione Rodrigues Martins

Nossa sociedade passa por um processo de rápidas mudanças, os avanços na ciência e na tecnologia transformam as várias áreas e ditam as formas de relações interpessoais e de organização. Esse expressivo avanço impeliu ainda mudanças nas configurações axiológicas e nas práticas religiosas.

Na medida, que nos movemos para uma sociedade cada vez mais desenvolvida com avanços científicos e tecnológicos nas mais diversas áreas, deixamos para trás os vestígios das antigas sociedades agrárias e industriais que vão indubitavelmente se extinguido. Esses avanços ocasionam transformações nas estruturas sociais e econômicas, nas organizações de trabalho e nas concepções de valores.

Essa sociedade que se processa caracteriza-se como uma sociedade de inovação, na qual as transformações progridem com muita rapidez. Já as sociedades agrárias e pré-industriais são marcadas pelo caráter fixo e estático, ou quando muito, as mudanças ocorrem mais lentamente.

Essa nova estrutura da sociedade da inovação apoiada em pilares de conhecimento e transformação contínua evidenciam mudanças em nossas maneiras de pensar, de viver e de organizar. Além dessas mudanças ocorridas em âmbitos sociais e econômicos com o desenvolvimento científico e tecnológico nessa dinâmica sociedade do conhecimento, as estruturas culturais e religiosas também estarão sujeitas a influências do novo meio. Dessa maneira, assim como se perceberão frente a novos quadros de valores e de comportamento e como sua linguagem se colocará nesse novo meio.

Percebe-se que nesse novo tipo de sociedade os valores bem como as relações interpessoais e de trabalho sofrem alterações devido à nova dinâmica imposta por uma sociedade em transformação. Nesse cenário de constantes mudanças, encontramos as tradições religiosas com suas doutrinas e dogmas frente a esse novo processo.

Corbí enfatiza que não existe forma alguma das velhas tradições culturais e religiosas frearem as transformações provocadas pela sociedade da inovação. Tais tradições deverão se adaptar a nova realidade ou então perecerão.

Segundo o autor, os grupos religiosos estão estruturados em torno dos mitos, símbolos e rituais que, por sua vez, trazem consigo suas interpretações e valores. Porém, nesse novo contexto esses valores não deverão mais interferir nos modos de interpretação e valoração, como afirma Corbí:

Essas interpretações e valorações, que poderíamos chamar ‘constitucionais’ do grupo, assim que funcionam com vontade religiosa, orientam à comunidade à percepção de outra dimensão do real. Já que, ademais, como padrões de interpretação e valoração mítico-simbólica já não podem estar vigentes em uma sociedade industrial, terão que cumprir com sua função religiosa sem interferir nos modos de interpretação, valoração e atuação propriamente industriais. (CORBÍ, 1992, p.231).

Dessa maneira surgem conflitos entre a ciência e a religião, pois se contrapõem as interpretações da ciência e os sistemas de crenças das religiões. Esse novo modelo de sociedade que tende a interpretar todo tipo de realidade com base nas ciências não aceita um sistema mítico como alternativa e uma validade indiscutível como meio de interpretação da realidade.

Assim, surge a indagação de como seria a presença da religião em uma sociedade avançada? É uma sociedade científica e tecnológica, totalmente laica e por tanto Deus e nem quem se denomina seu representante exerce função alguma.

Para Corbí como as religiões não exercem nenhuma função nas estruturas da nova sociedade, “não há que supor nem crença alguma em deus, nem necessidade dessa crença, nem utilidade alguma dessa crença, nem prática, nem teórica, para o correto funcionamento da sociedade”. (CORBÍ, 1992, p. 245).

Nota-se que em uma sociedade industrializada que vive em constante transformação, as tradições religiosas perdem a função de interpretadora da realidade. Novamente Corbí chama a atenção:

As sociedades industriais são sociedades que vivem de máquinas sofisticadas. O responsável pela criação e a manutenção desse complexo sistema de máquinas é nosso aparelho científico que, como estrutura de conhecimento, prescinde - e deve prescindir - de Deus na explicação da realidade. Suposto que o sistema de interpretação tem de abarcar a toda a realidade, incluindo o homem, a comunicação e o valor, os sistemas de valoração terão que se justificar, se fundamentar e se legitimar partindo das ciências. Desde essa fundamentação científica da interpretação da realidade e desde essa justificativa científica de nossos sistemas de valoração terão que determinar nossos sistemas sociais, políticos, etc. (CORBÍ, 1992, p. 244).

As tradições religiosas se recusam a revisar sua epistemologia mítica e continuam transmitindo sua mensagem defasada com uso da leitura das escrituras e colocação de rituais, na pretensão de que esses artifícios continuem vigentes como propagadores nos âmbitos da vida coletiva e privada.

Corbí nos alerta que tal manifestação constitui um obstáculo a uma grande parte das pessoas das sociedades industrializadas:

As religiões continuam empenhadas em transmitir a grande mensagem das velhas e veneráveis tradições, vertida em modelos culturais pré-industriais, ligados a crenças, à subordinação mental – moral e ritual –, às sacralidades, às hierarquias, ao patriarcado, à interpretação coisificada dos símbolos, dos mitos e das narrações sagradas. Essa forma de interpretar e de viver os grandes conteúdos de sabedoria das tradições, expressas em símbolos, em mitos e em narrações, se transforma num obstáculo é praticamente insuperável porque contradiz e se opõe ao novo tipo de sociedade e à nova maneira de programar as comunidades mediante postulados e projetos construídos por nós mesmos e postos em prática com o auxílio das ciências e das técnicas, também construídas por nós. (CORBÍ, 2010, p.193).

Nesse novo contexto as tradições religiosas como não mais se apresentarão equivalente a um sistema de interpretação da realidade, de moralidade, de vida social e valoração, adquire uma característica distinta, como salienta Corbí:

A religião que se apresentar como uma oferta que implica um processo de transformação interior que conduz a um novo nível de conhecimento, de captação e percepção do real, um processo que conduz a um novo nível de relação e atuação com o real. A oferta da religião tem certa semelhança com a oferta das belas artes. As belas artes oferecem outro nível de acesso ao real com a condição que submetemos a uns processos de transformação e utilização de nossa sensibilidade. A religião, como a arte, faz uma oferta de outro nível da realidade a cada cultura sem alterar os modos de vida e, por

tanto, sem alterar a estrutura dos sistemas de interpretação, valoração, estruturação social, etc. (CORBÍ, 1992, p. 247).

Nota-se que as tradições religiosas devem enxergar essa nova situação e compreender que seu papel diverge do desempenhado anteriormente. Continua existindo a necessidade de uma espiritualidade, entretanto esses modelos próprios de sociedades pré-industriais têm entrado em crise.

As tradições religiosas têm que compreender que essa nova realidade deixa de ser estática. Nessa sociedade tudo tende a se transformar continuamente em todos os níveis. Uma sociedade que vive assim é totalmente incompatível com modelos autoritários de interpretação e de valores aos quais muitas tradições estão fundamentadas, como observar Corbí:

Temos vivido uma religião e um cristianismo concebido em moldes autoritários e estáticos. Estáticos porque eram os moldes próprios de sociedades que viviam de fazer sempre o mesmo, de não mudar e não mudar os modos autoritários de vida. Também essa maneira de viver estática não é a nossa. Nossa sociedade é o oposto desse modo de vida, nós nos vemos forçados a viver da inovação, da mudança contínua cientista, tecnológico e organizativo e, por tanto, também axiológico. (CORBÍ, 1992, p. 258).

As transformações ocorridas nessa sociedade em diversos setores evidenciam a necessidade de abandono dos sistemas de valores e de interpretação da realidade com base nas crenças e nas religiões. Esses sistemas eram válidos em sociedade estáticas, agrícolas e pré-industriais, mas numa realidade de constante inovação devem ser desarraigados.

Por tanto, os sistemas industriais e científicos estão exigindo a criação de um estilo de religiosidade, um estilo de releitura do religioso que tenderá a se adaptar a todas as culturas e tradições. Isso, de acordo com Corbí, não eliminaria a diversidade religiosa, pelo contrário, fomentaria sua comunicação mútua.

Essa nova universalidade cultural representa novos paradigmas de interpretação e de valores que indubitavelmente desembocaria numa releitura das antigas tradições ou na completa laicidade. Dessa maneira, “a missão das religiões, das igrejas, neste tipo de coletivos, tem de ser unicamente fazer uma oferta de espiritualidade, que é uma oferta de qualidade

humana profunda, separada de crenças e imposições”. (Corbí, 2010, p, 15).

As tradições religiosas devem perceber que as crenças não são compatíveis com uma sociedade industrializada. Para Corbí, “as novas sociedades têm que apartar as crenças tomadas desde uma epistemologia mítica, mas precisam mais que nunca da espiritualidade, da qualidade humana profunda, da fé no sentido que temos precisado”. (Corbí, 2010, p, 17).

Percebe-se que a religião não pode oferecer sistemas de interpretação e de valores nessa nova universalidade cultural, pois seu aparato mítico-simbólico não expressa o aspecto interpretativo e valorativo da nova realidade.

Nesse nível, é preciso abandonar os mitos, a epistemologia que impõem e as religiões que sustentam. Em sociedades estáticas são a base para seu funcionamento, porém numa sociedade de mudanças contínua, constituem um obstáculo ao desenvolvimento.

Corbí acredita que uma solução possível seria o caminho ao silenciamento. Uma forma das religiões utilizarem seus recursos mítico-simbólicos de interpretação da realidade e de valores de maneira a polarizar as faculdades humanas a um conhecimento ao seio do silêncio.

Essa nova visão difere completamente da relação entre religião como sistemas de crenças, valores e poder que geram violência. Faz-se necessário livrar desses sistemas de poderes, pois com eles não se transmite, não se impõem o processo interior, tão pouco as experiências individuais e coletivas do Espírito. O caminho da religião é o caminho de um processo interior.

Assim a oferta das tradições religiosas nessa sociedade da inovação deve ser uma oferta de autonomia, de liberdade, de conhecer e sentir para além das construções das necessidades e do desejo.

Corbí está convencido que numa sociedade de contínua transformação a religião não pode exercer nem um tipo de crítica ao juízo da ciência. Esses conflitos surgem quando se contrapõem as interpretações da ciência e os sistemas de crenças das religiões.

Dessa maneira, nesse modelo de sociedade baseada no conhecimento não pode aceitar tradições religiosas que pretendam se valer como regulamentadoras da realidade:

Uma sociedade, como a nossa, que se vê precisada a interpretar todo tipo de realidade desde as ciências, não pode aceitar uma religião que se apresente como um sistema mítico de crenças que pretenda ser uma alternativa, de validade indiscutível, à interpretação da realidade que dão as ciências. Se as religiões enfrentam suas crenças sobre a interpretação da realidade às interpretações que dessas mesmas realidades dão as ciências, têm a derrota assegurada por adiantado. (CORBÍ, 1992, p. 237).

Nesse sentido, as tradições religiosas com sua lógica fundamentadora e interpretativa da realidade através de sistemas de valores fixos, se vêm num cenário o qual a interpretação da realidade baseia-se na ciência e tecnologia e, como tal sistema de interpretação, por sua vez, abarca toda a realidade, desde o homem, a comunicação, o valor dentre outros.

Segundo Corbí enfrentamos um problema quanto à presença da religião numa sociedade industrial avançada, isso em dois motivos: primeiramente pelo fato dessa sociedade ter mudado bastante em relação ao que fora quando apareceram e desenvolveram as grandes tradições religiosas e, segundo pela dinâmica de transformações radicais e contínuas ocorridas em sociedade.

Apesar de uma releitura das tradições religiosas nessa nova sociedade, há o problema de como ler e interpretar os velhos mitos e ritos dos grupos religiosos inseridos numa sociedade de inovação para que não paralizem a criação livre; pelo contrário, contribuam com o processo criativo dos indivíduos e da coletividade.

De acordo com Corbí, numa sociedade de inovação a cultura que surge é promotora da liberdade e criatividade nesse mundo globalizado. “A nova sociedade industrial [...] vive sua moralidade e seus valores e estabelece seu destino através de suas criações de projetos e fins individuais e coletivos, [...] com sentido através de suas próprias e livres construções axiológicas”. (Corbí, 1992, p. 281).

Dessa forma, percebe-se que a diversidade cultural, de tradições religiosas, de preferências, assim como, de grupos humanos e projetos abrem inúmeras possibilidades de pluralidade e criação. Os novos paradigmas culturais globais de uma sociedade forçada a viver do movimento científico-tecnológico mostram que é possível uma religião que vise um processo interior do indivíduo e de grupos.

Para Corbí, quando a religião funciona como condutor de respeito, amor, dedicação e

desinteresse pelo que existe não entra em confronto com nenhum projeto por não é um projeto. Esse modelo de religião não tem interpretações da realidade, nem projetos estabelecidos, tampouco maneira de determinar cultura e relações em sociedade.

Para uma sociedade que vive da inovação, de movimentos científicos, tecnológicos, organizativos e axiológicos, não pode aceitar modelos de religião que funcionem como propostas de projetos, pois funcionam como propostas ideológicas e entram em conflito com as ideologias.

De fato, numa sociedade de mudanças rápidas e contínuas que vive da geração de conhecimento as tradições religiosas com sua estrutura fixa, com seus valores e sua interpretação da realidade já não cabem mais nesse novo contexto. É preciso adequar a nova realidade e cumprir com sua função religiosa sem interferir nos modos de interpretação e valorização dessa nova sociedade, ou seja, uma postura compatível com a realidade.

Como vimos, a sociedade da inovação embasada no conhecimento científico e tecnológico que se transformam continuamente confronta com as tradições religiosas com suas formas de interpretar e valorar, típicos de uma sociedade agrária e pré-industrial. O problema surge pelo fato das religiões estarem sempre conectadas com projetos de interpretação e finalidades coletivas.

Nessa perspectiva, numa sociedade de conhecimento, de inovação, de mudanças contínuas, as propostas das religiões devem constituir-se apenas como uma oferta à sociedade. Devem utilizar de interpretações mítico-simbólicas para gerar um conhecimento que leve o ser humano ao encontro interior, ao silêncio interior.

Corbí nos ajuda a compreender como as tradições religiosas devem se portar em uma sociedade de conhecimento, quando:

A proposta feita pelas tradições religiosas às novas sociedades dinâmicas não pode passar por 'religar' a interpretação e a avaliação da realidade, em nenhum de seus níveis, nem por 'religar' os modos de agir, de se organizar e de viver a certas formas fixadas e inalteráveis. As novas sociedades podem, em compensação, aceitar uma oferta de qualidade e de realidade feita pelos mestres do espírito e pelos grandes textos religiosos, capaz de provocar a livre adesão, não a fórmulas ou modos de vidas fixados, mas a uma qualidade que é um estado do pensar e do sentir que gera certeza sem, por isso, submeter a formas reveladas de pensamento e de vida. (CORBÍ, 2010, p. 184).

O estudioso frisa nessa nova situação cultural o caminho interior não poderá passar pelas crenças. Uma postura religiosa desse estilo seria incompatível com uma sociedade globalizada, pois geraria enfrentamentos e menosprezo mútuo.

Assim as religiões não podem se passar por crenças que proclamam exclusivamente possuidoras da verdade absoluta, pois suas estruturas impedem novas alternativas e, inseridas nessa realidade global onde se encontram variadas tradições, surge a dificuldade de compreensão dentre os variados sistemas de crenças.

As tradições religiosas com seus ritos, símbolos e sistemas de valores estáticos inseridas numa realidade global a qual encontramos inúmeras expressividades religiosas, apontam para desencontros e enfrentamentos. Tais sistemas fixos e rígidos bloqueiam qualquer tipo de mudança, apesar de já abandonarmos esses sistemas de sociedade anteriores.

Devido a realidade plural e o caráter de transformação contínua nas ciências, tecnologias e nas organizações de trabalho da sociedade do conhecimento, há a necessidade de abandonar as crenças que, de acordo com Corbí, estruturam o presente e o futuro segundo princípios e normas do passado.

Corbí propõem refletir essa temática trazendo uma distinção entre fé e crenças com o propósito de compreender uma possibilidade de uma fé sem crenças:

A fé é um conhecimento não conceitual nem simbólico. É um conhecer vazio de representação, de essência a essência. É uma notícia escura que gera certeza. Uma certeza que resulta escura porque não é segundo os padrões de nosso conhecer cotidiano em que a notícia e a certeza estão sempre unidas à representação. Na fé dá-se notícia e certeza, mas não representação. A notícia é potente e gera uma certeza imóvel, mas vazia. Por isso é justa a expressão 'de essência a essência'. A crença é adesão incondicional as formas e formulações que se consideram reveladas por Deus mesmo. Esse prestígio absoluto fá-las intocáveis. A crença não é em si mesma nenhum fato religioso. As crenças pertencem ao aparelho de programação coletiva das sociedades que viviam de fazer sempre fundamentalmente o mesmo, como eram todas as pré-industriais e que, portanto, deviam excluir e bloquear a mudança. (CORBI, 2007, p. 20-21).

Dessa forma, uma postura religiosa desse estilo fundada em sistemas de crenças é

totalmente incompatível com uma sociedade global baseada no conhecimento e na inovação. Esses modelos de valores coletivos baseados em princípios de sociedades agrárias, pré-industriais e hierarquizadas não cabem nessa realidade. É preciso criar sistemas de valores nesse novo cenário, pois a ciência como sistema de representação se mantém longe da realidade, assim incapaz de construir tais valores:

As ciências são construções linguísticas nas quais se tentaram eliminar, o máximo possível, os elementos semânticos axiológicos. Elas são, pois, metodologicamente estéreis com relação ao axiológico. As ciências podem proporcionar informação sobre as questões axiológicas, mas não são capazes de construir axiologias, nem de propor valores de forma eficaz. [...] somos seres vivos e, como todos os seres vivos, matemos uma relação axiológica com o meio e com os nossos semelhantes. Nenhum sistema científico, por mais sofisticado que seja, pode nos afastar dessa nossa condição. Por conseguinte, os problemas axiológicos humanos devem ser resolvidos através de um tipo de linguagem da qual não se tenham eliminado os elementos relativos aos valores. (CORBÍ, 2010, p. 191).

Dessa maneira, as sociedades mesmo em um alto nível científico-tecnológico, devem construir sistemas de valores que nos permitam viver e utilizar de seus benefícios de modo adequado. Nessa sociedade as tradições religiosas não devem gerar confrontos e muito menos impor valores, o caminho espiritual deve passar pelo encontro.

As religiões ainda continuam empenhadas na transmissão dos princípios dos modelos de sociedade anteriores, permanecem fixas as suas características estáticas. Apesar de que as novas sociedades industriais também não se adaptaram completamente a nova condição e permanecem ancoradas em atitudes próprias da primeira industrialização.

Uma proposta para o cultivo de uma espiritualidade em uma sociedade do conhecimento seria um caminho interior, o que Corbí chama de descobrimento do silêncio:

Em novas sociedades, o cultivo do silêncio é laico porque não pode estar unido a corpos de crenças; e se não pode se unir a sistemas de crenças, também não pode ser atado a Igrejas, hierarquias ou pertences que suponham submissão ou exclusivismo ou exclusões. O silêncio laico permite desenvolver-se convenientemente as novas circunstâncias que impõem as mudanças contínuas em todos os níveis da vida; e permite, também, que as sociedades laicas e sem crenças possam cultivar e viver as grandes dimensões que abre o silêncio, que no passado estavam controladas pelas chamadas religiões e das que falam os Maestros religiosos de todas as tradições e de

todos os tempos. (CORBÍ, 2007, p.38).

Recorremos a Robles para nos ajudar a compreender um pouco sobre o que entendemos por esse modelo de espiritualidade que difere da relação que fazemos entre religião e crenças:

Por espiritualidade aqui entendemos o mais real e apropriado: a realização mais plena e total do ser humano. Assim concebida a espiritualidade, não achamos que tenha nada mais real nem mais apropriada. Uma realização que, pelo ser, significa quietude, descanso, felicidade, em fim, a condição de quem tem conseguido seu fim e atingido seu destino; todo o contrário de um ser alienado. Um ser humano plenamente espontâneo, criativo, livre, que coincide com seu ser. Um ser humano dono e soberano de si mesmo [...] Se trata de uma experiência última, em o fundo uma dimensão ou condição de existência, será irredutível a nenhuma outra. Isto é o que sucede em a verdadeira espiritualidade. (ROBLES, 2006, p. 42).

Anteriormente as religiões ofereciam projetos de interpretação e finalidades coletivas, porém nessa nova realidade a espiritualidade, segundo Corbí será a responsável por nos conduzir a uma espiritualidade que amplie nosso ser, a ternura, ao amor e a paz:

A espiritualidade nos conduz a outra dimensão da existência: ela nos guia à dimensão Absoluta,[...] Tudo isso não constitui uma solução de nenhum tipo, mas é uma fonte fecunda de soluções válidas. A espiritualidade não é a solução, porque é só um espírito que faz de nós um ser novo. Nem as tradições religiosas do passado nem a espiritualidade nos dão construções; elas dão apenas um espírito novo aos construtores. (CORBÍ, 2010, p. 204).

Diante disso, percebe-se que o papel da religião numa sociedade do conhecimento fundamenta em modelos científicos-tecnológicos deve ser um caminho relacionado a uma espiritualidade livre de crenças e vinculações institucionais. A única religião possível será aquela livre das antigas características regulamentadora e impositora de valores, a resposta é uma religião como caminho de compreensão na busca de uma espiritualidade, um silêncio interior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORBÍ, Mariá. **Análisis Epistemológico de las configuraciones axiológicas humanas** - La necesaria relatividad cultural de los sistemas de valores humanos: mitologías, ideologías, ontologías y formaciones religiosas. Barcelona: Universidad de Salamanca, 1983.

CORBÍ, Mariá. El Estado y la Religión en las sociedades industrializadas y de innovación y cambio. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 8, n. 19, p. 9-20, out./dez. 2010.

CORBÍ, Mariá. El Silencio interior em uma sociedade laica y global. IN: **La Espiritualidad después delas religiones**. Argentona, Espanha: La Comarcal Edicions, 2007, p. 19-44.

CORBÍ, Mariá. **Métodos de Silenciamiento**. Barcelona: CETR Editorial, 2006.

CORBÍ, Mariá. **Para uma espiritualidade leiga**: sem crenças, sem religiões, sem deuses. São Paulo: Paulus, 2010.

CORBÍ, Mariá. **Proyectar la sociedade, reconvertir la religión**: los nuevos ciudadanos. Barcelona: Herder, 1992.

MOREIRA, Alberto da Silva. Religiosidade laica: uma introdução ao pensamento de Marià Corbí. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 8, n. 19, p. 21-40, out./dez. 2010.

ROBLES, J. Armando. **Hombre y mujer de conocimiento**: la propuesta de Juan Matus y Carlos Castaneda. Heredia, Costa Rica: EUNA, 2006.